

ENTREVISTA / JULIA OURIQUE, JORNALISTA, PESQUISADORA E MUSICISTA

# ‘É preciso criar redes e fazer com que todas avancem juntas’

Debora Gauziski/Divulgação

**E**m “Feminismo na Indústria da Música”, Julia Ourique investiga como o ativismo — a arte usada como forma de ativismo — pode ser uma ferramenta de resistência e transformação no mercado musical. A partir de sua trajetória como jornalista, musicista e pesquisadora, ela reúne quase uma década de estudos sobre desigualdade de gênero na música. “A música, quando pensada como ativismo, não é apenas expressão artística ou entretenimento, mas um ato político em si”, diz. Na entrevista a seguir, Julia reflete sobre exclusões históricas e aponta caminhos possíveis.

**O que a motivou a escrever essa obra?**

**JULIA OURIQUE:** A injustiça em relação ao tratamento dado às mulheres é o que me faz escrever. Não só este livro, mas todos os artigos que publiquei anteriormente. Neste trabalho em específico, a ideia era ouvir as histórias de discriminação, o tratamento misógino que estas mulheres observavam na indústria da música, fosse em shows, em reuniões, ou mesmo na internet. A partir destas conversas, percebi que existia uma união entre as mulheres que trabalham na indústria da música que é o que faz com que a gente continue insistindo nesta carreira. Utilizo “a gente” porque também trabalho na indústria e sofri discriminações a partir do meu gênero.

**Durante sua pesquisa, você encontrou desafios específicos em relação à presença de mulheres na música brasileira, especialmente as instrumentistas?**

Muitos. Desde o momento em que se decide por determinado instrumento, como a bateria, tido como um instrumento masculinizado, que exige força e, portanto, não combinaria com a suposta delicadeza intrínseca às mulheres. Em outra ocasião, e isso é frequente até hoje, a artista no palco, tocando, e o público, principalmente em shows de heavy metal - em que homens são a maioria - pedindo que a artista sorria mais, que mostre os seios, como uma forma de dizer: “só estou aqui porque você é uma mulher, e só penso em você como um objeto feito para o meu prazer”. Até quando a gente precisa sempre ter um homem ao nosso lado, concordando com o que dizemos, para que a nossa opinião, o nosso corpo, sejam respeitados?

**Como superar situações como essas?**

Acredito - e as pesquisas mostram isso - que a melhor forma de se superar estas questões é por meio da educação, mas isso leva tempo. O que podemos fazer agora é implementar e fiscalizar leis que permitam e incentivem cotas de mulheres nos setores do mercado de trabalho que são dominados por homens. Claro, a minha pesquisa é voltada para a indústria da música, mas os mesmos preconceitos são também encontrados na engenharia, no futebol... A ideia é que com as cotas, o convívio, perceba-se que o gênero é só um detalhe.

**O conceito de ativismo é central no seu livro. De que forma a arte e a música podem ser usadas como ferramentas para esse ativismo?**



A música, quando pensada como ativismo, não é apenas expressão artística ou entretenimento, mas um ato político em si. Ela se torna um instrumento de luta ao ampliar vozes marginalizadas, desafiar estruturas opressoras e propor novas subjetividades. Além disso, o ativismo feminista também atua nas bordas da indústria da música, utilizando as ruas, as plataformas digitais e as redes sociais como meios de circulação, engajamento, reforço... Ele transcende os espaços tradicionais da arte, ocupando o espaço público, e “fura bolhas” ao alcançar públicos diversos com mensagens de transformação. Vale também dizer que o ativismo feminista também é carrega uma dimensão

micropolítica: desafia as normas vigentes, produz novos imaginários sociais e transforma a arte em ferramenta de questionamento radical, promovendo a (re)existência frente às lógicas hegemônicas da indústria da música.

**Quais as mudanças mais significativas que você percebeu nos últimos anos, especialmente em relação ao papel das mulheres na indústria fonográfica?**

A facilidade em gravar a sua própria música, fato que se deu após o barateamento dos computadores e das mídias de gravação, no início dos anos 2000, e posteriormente, com o aumento da capacidade da internet, alcançando maiores velo-

idades, foram tecnologias na área da comunicação que impulsionaram a entrada de mulheres na música. Mas não só. Artistas periféricos, negros, LGBTQIAPN+ também ganharam possibilidades de gravar e disseminar sua música a partir desta mudança na indústria fonográfica. Ainda na primeira década, embora diversos artistas do mainstream - o grande mercado da música, com as grandes gravadoras - tenha sido contra a disponibilização gratuita de músicas para download na internet, foi essa possibilidade, mais tarde organizada pelo MySpace, pelo Orkut, é que facilitaram que vários artistas da música independente, e principalmente artistas que as gravadoras costumavam ignorar, ganhassem o seu destaque, o conhecimento do seu público.

**O que você considera mais relevante na trajetória do selo PWR Records, e como ele articula valores feministas nas dinâmicas do mercado musical?**

O que mais me chama a atenção na história da PWR é que foi um selo iniciado por duas jovens mulheres - estavam na casa dos 20 e poucos - em Recife (PE) e que alcançaram tanto, rapidamente, sabe? O barulho que este selo de música fez entre os anos de 2016 a 2024 foi ensurdecador. Todo mundo que trabalhava com música conhecia estas mulheres e queria trabalhar com elas. Eram turnês pelo Nordeste, Sul e Sudeste organizadas por elas e que davam super certo, mesmo com pouca grana. E neste meio tempo, elas indicavam empresas de outras mulheres, mulheres instrumentistas, técnicas de som, produtoras, designers... todas as funções necessárias para se construir uma carreira na música eram executadas por mulheres. A PWR Records pode ter acabado - aconteceu após o fechamento do livro, em 2024 - mas as redes que ela construiu ficaram firmes e fortes. Quando uma avança, todas precisam avançar, e a PWR trazia isso em sua raiz a ideia de que é preciso criar redes e fazer com que todas as mulheres na indústria da música avancem juntas.